

As Origens da Associação Brasileira de Química

Júlio Carlos Afonso e Nadja Paraense dos Santos
Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Submetido em 24/08/2012; versão revisada em 30/08/2012; aceito em 05/09/2012

Resumo

Este trabalho descreve a criação da Associação Brasileira de Química (ABQ), a partir da fusão da Associação Química do Brasil (AQB) e da Sociedade Brasileira de Química (SBQ). Após quase dez anos de negociações e consultas, a fusão foi consumada em 12 de outubro de 1951, e o registro jurídico da fusão garantiu à nova entidade o reconhecimento das atividades desenvolvidas pelos dois organismos antes da data supracitada como também, em nome de uma unidade em torno da química nacional. Esse espírito de união envolvendo a nova Associação também foi expresso no reconhecimento da ABQ como entidade de utilidade pública federal em 1953.

Palavras-chave: Primeira Sociedade Brasileira de Química; Associação Química do Brasil; Associação Brasileira de Química.

Abstract

This work describes the creation of the Brazilian Chemistry Association (ABQ) from the fusion of the Brazilian Chemical Association (AQB) and the Brazilian Chemical Society (SBQ). After almost 10 years of negotiation and consultation, the fusion was accomplished on October 12, 1951. However, its effects also included the activities developed by the two original organisms before this date, on behalf of an unity around the Brazilian chemistry. This spirit of union around the new Association was also expressed by the recognition of ABQ as of public utility in 1953.

Keywords: 1st Brazilian Chemical Society; Brazilian Chemical Association; Brazilian Chemistry Association.

A Sociedade Brasileira de Química

O primeiro Congresso Brasileiro de Química (1º CBQ), organizado pelo Ministério da Agricultura, foi realizado no Rio de Janeiro em setembro de 1922, no âmbito da Exposição Internacional do Centenário, durante as comemorações do aniversário da independência do Brasil. Contou mais de 200 participantes e a presença de indústrias do setor e de estabelecimentos em que se ensinava a química, dentre outros organismos.¹ Nesse 1º CBQ foram realizadas 26 sessões parciais e 6 sessões plenas que contaram com a participação de 142 congressistas. Foram apresentadas 72 teses discutidas pelas seguintes comissões especiais: 1ª

Organização do Ensino da Química no Brasil; 2ª Laticínios, féculas, indústria de fermentação, águas minerais, óleos, taninos, celulose, corantes, sabão e essências; 3ª Metais, minérios, indústrias minerais e indústria para fins militares; 4ª Eletroquímica, quimioterapia, a química em auxílio à Justiça, Legislação e convenções de Química no Brasil; Criação da Sociedade Brasileira de Química.²

A fundação da primeira sociedade dedicada à química, a Sociedade Brasileira de Química (SBQ) ocorreu em 10 de novembro de 1922.¹ Além de químicos, farmacêuticos, engenheiros e mesmo pessoas que simplesmente gostavam de química podiam ser associados.

Figura 1
Cartão do congressista Aníbal Bittencourt
(1900-1985) no 1º Congresso realizado pela
Sociedade Brasileira de Química.
Acervo do Museu da Química Prof. Athos da
Silveira Ramos (Instituto de Química da UFRJ)



A rigor, a SBQ buscava congregar os esforços daqueles que se dedicavam a ela ou a suas aplicações e dos que se interessavam pelo seu desenvolvimento. Nos anos 1920, eram poucos os cursos e os químicos formados no Brasil.^{3,4} Na literatura, encontra-se um trabalho que detalha a trajetória da SBQ.¹

Ela se filiou à IUPAC em 1923 e manteve contatos com outras sociedades de química, como a American Chemical Society. Na década de 1920, a 1ª SBQ realizou dois eventos: 1º Congresso Nacional de Óleos, Gorduras, Ceras e Resinas e seus derivados, realizado no Rio de Janeiro em 1924 (Figura 1), e a 2ª edição desse Congresso em São Paulo, quatro anos depois. Em 1929, começou a circular seu periódico, "Revista Brasileira de Química", que em 1931 passou a se chamar "Revista da Sociedade Brasileira de Química". Em junho de 1937 a SBQ realizou o 2º CBQ, um mês antes da realização do III Congresso Sul-Americano de Química,² também sob sua responsabilidade, ambos na cidade do Rio de Janeiro.

Em meados dos anos 1930, face ao desenvolvimento da química no Brasil³ e a criação de cursos de química, engenharia química e química industrial,⁴ o quadro começou a mudar em relação à década anterior. Os profissionais que viajavam para o exterior (EUA e Europa) percebiam o grau de organização da química nessas regiões do mundo, por meio de sindicatos atuantes e agremiações científicas voltadas tanto para o lado acadêmico como para a área aplicada. E a então SBQ era criticada por não defender a classe dos químicos, o que era rebatido com o argumento de que esta agremiação destinava-se ao "desenvolvimento da

química científica no Brasil".^{5,6} Essa reclamação também aparecia no primeiro editorial da Revista de Química Industrial (fevereiro de 1932), então órgão oficial do Sindicato dos Químicos do Rio de Janeiro. Por isso, fomentou-se a ideia de que era preciso criar uma associação que congregasse os químicos, na organização de suas reivindicações e defendendo seus interesses.

Dos primórdios à fundação da AQB

A partir de cerca de 7 mil fontes documentais, organizadas em dois volumes por Elza Marina de Sousa da Silveira, funcionária da ABQ, em 31 de dezembro de 1951, é possível descrever em linhas bastante precisas como foi a criação e o papel desempenhado pela Associação Química do Brasil, até a sua fusão com a SBQ, resultando na Associação Brasileira de Química (ABQ) que conhecemos. Como a trajetória da AQB é bem menos conhecida pela comunidade química brasileira, passaremos a detalhar a trajetória dessa Associação.

A partir de 1936, por iniciativa de alguns profissionais, com destaque para Carlos Eduardo Nabuco de Araújo Jr., que assinou a maioria das cartas pedindo apoio para o projeto, surgiu a ideia de que uma associação de químicos fosse criada no país.

A realização do III Congresso Sul-Americano de Química,³ serviu para difundir esse projeto, mas foi preciso esperar o Congresso Nacional de Laboratórios de Ensaio, em São Paulo, em abril de 1939, para que o processo de criação fosse efetivamente iniciado. A ata preparatória da fundação data de 13 de abril daquele ano, a qual continha um anteprojeto de estatuto nos moldes da American Chemical Society. Nessa ata, constam 14 assinaturas, as quais se somam mais 38 em um anexo provindo do Rio de Janeiro. O primeiro nome sugerido era “Associação Brasileira dos Químicos”, logo mudada para “Associação Química do Brasil” (AQB). Uma vez feitas as críticas e sugestões para a reforma da proposta inicial do estatuto, em 27 de setembro de 1940, era oficialmente criada a AQB, com sede no Rio de Janeiro, então capital federal. Em novembro daquele ano, a 1ª diretoria provisória foi empossada, tendo como presidente o Sr. Francisco de Moura.

Suas propostas eram ambiciosas, destacando-se: estabelecer metas, arregimentar sócios, criar divisões científicas, organizar congressos, publicar trabalhos científicos, formar uma biblioteca e estabelecer parcerias com outras instituições congêneres no país e no exterior. A primeira forma de subsistência da nova Associação era a contribuição generosa de seus sócios fundadores.

A primeira reunião de seu Conselho Diretor ocorreu em 20 de março de 1941, no Rio de Janeiro, onde foi empossada a 1ª diretoria eleita, tendo à frente o Sr. Carlos Eduardo Nabuco de Araújo Jr. (sócio nº 1 da AQB). A estrutura administrativa era composta pelo presidente, um vice-presidente, um secretário-geral, um tesoureiro e cinco conselheiros. O mandato era de 2 anos. Até 1951, houve 28 reuniões do Conselho Diretor, a maioria delas no Rio de Janeiro.

Os primeiros passos

Já em 1941, a AQB tinha uma estrutura bem

diversificada, fruto “do trabalho abnegado de todos os associados, que confiavam no projeto, totalmente despojados de ambições pessoais”.⁶ Havia 9 secretarias regionais: Bahia, Campos (RJ), Rio de Janeiro (Distrito Federal e sede nacional), Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piracicaba, Rio Grande do Sul e São Paulo. Eram 10 as divisões científicas: química analítica, físico-química, combustíveis e lubrificantes, química orgânica pura, óleos, gorduras e derivados, nomenclatura, tecnologia química, açúcar e álcool, química agrícola e química biológica (bioquímica). Existiam 5 comissões de trabalho: admissão de sócios (extinta em 1945), publicações, código de ética, ensino de química e revisão dos estatutos. De 1949 a 1951, a AQB teve 8 secretarias regionais: foram extintas as de Campos e Piracicaba, enquanto que a de Minas Gerais foi criada em 1945.

O número de associados cresceu rapidamente: das 52 assinaturas iniciais em 1939, havia 383 sócios em 1941, 444 em 1942, 543 em 1943,⁷ 894 em 1948 e 1570 em fins de 1950 (conforme se depreende do livro de registro de sócios). Enquanto isso, a 1ª SBQ tinha 356 associados em 1950.⁸ Além do sócio individual, havia também a figura do sócio coletivo, destinado às empresas químicas.

A AQB editou duas publicações: “Anais da Associação Química do Brasil” e “Boletim da Associação Química do Brasil” (ambas a partir de 1942). Os Anais destinavam-se à publicação de artigos originais versando sobre os mais variados aspectos da química. Embora se tenham artigos com complexos cálculos matemáticos e considerações teóricas, predominavam os trabalhos de cunho experimental e descritivo; muitos deles referiam-se a adaptações de processos tecnológicos da indústria química a matérias-primas nacionais. Os artigos eram de autoria de ilustres personagens da química em nível nacional, como Fritz Feigl, Otto Rothe, Leopoldo Miguez de Melo, Otto Gottlieb etc. As áreas dominantes eram a química analítica e a

química tecnológica (cerca de 1/3 de todos os trabalhos). Era comum a inclusão de propagandas de indústrias químicas. Nove instituições estrangeiras assinavam os Anais da AQB, a maioria das quais norte-americanas.

O Boletim da AQB era o veículo de divulgação de atas de assembleias, reuniões e outras formalidades administrativas a seus associados e demais interessados. Ainda deve-se citar a publicação, em 1941 e 1943, do “Índice Biográfico dos Sócios”, livro que continha um resumo do currículo de cada um dos sócios ativos da AQB.⁷

A partir de 1942, a AQB recebeu generosa subvenção federal, utilizada até mesmo para concessão de bolsas de estudo a seus associados. Com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, a AQB colocou-se imediatamente à disposição do governo, oferecendo serviços profissionais de seus associados nos mais variados campos da química. A lista, englobando praticamente todos os associados, foi efetivamente aproveitada pelo Ministério da Guerra para auxiliar na fabricação de explosivos, mas também com aparentes contribuições nas áreas agrícola, borracha, saneamento, toxicologia, alimentos e higiene.

A relação da AQB com instituições de ensino brasileiras

A AQB manteve intensa troca de correspondências com diversos estabelecimentos de ensino no país que ministravam cursos da área de química, em especial química industrial.

Uma vez feita uma lista de deficiências (recursos e instalações materiais, contratação de docentes e funcionários, reforma curricular), uma carta foi endereçada ao então presidente Getúlio Vargas pedindo providências para sanar esses problemas, colocando o país pelo menos em situação de acompanhar o progresso da química no mundo, e não ficando à margem do mesmo.

A atuação desta Associação tinha muita relação com o desejo de que a profissão de químico

fosse efetivamente regulamentada no país, evitando que outros profissionais (como engenheiros e farmacêuticos) atuassem nas áreas de atribuição do químico.

A AQB também buscou colaborar no estabelecimento de um padrão de livro didático de química no país, tendo para isso instituído uma comissão de ensino de química em 1941; sua missão era avaliar as obras publicadas para que se definissem as que mereceriam ser adotadas nas escolas de ensino médio e superior.

Quanto ao ensino técnico em química, a AQB acolheu positivamente a regulamentação do Ensino Industrial, com base em sua Lei Orgânica (Decreto-Lei Nº 4.073, de 30/01/1942): “já era hora de o ensino técnico ter o mesmo tratamento digno que se dá ao profissional de nível superior, apesar das deficiências a serem vencidas por estes, mormente a regulamentação do exercício da profissão de químico”.

Outro ponto relevante é a preocupação da AQB com a higiene e saúde ocupacional dos trabalhadores de indústrias químicas e de laboratórios.

O documento “Medidas Protetoras para os que Trabalham em Laboratórios” foi apresentado e publicado nos anais do Congresso Pan-Americano de Engenharia, realizado em julho de 1949, em Petrópolis, estado do Rio de Janeiro.

Dentre as medidas de controle sugeridas, tem-se: obrigatoriedade do uso de equipamentos de proteção individual e coletiva que reduzam o contato de substâncias tóxicas com o corpo humano; atribuir 20 dias de férias por semestre; conceder aposentadoria em no máximo 25 anos de trabalho nos ambientes laboratoriais e industriais, ou seja, sob condições insalubres. Já era considerado naquela época que doenças e acidentes ocupacionais causavam, além de danos à saúde das pessoas, prejuízos materiais e financeiros às fabricas.



Figura 2

Anúncio do primeiro CBQ no Nordeste, em Recife (janeiro de 1949).

Os congressos da AQB

Em 1943 ocorreu no Rio de Janeiro o 3º CBQ, com a participação da SBQ e da AQB. Outros CBQs foram realizados ao longo da década de 1940, destacando-se o primeiro CBQ no Nordeste, em Recife, em 1949 (Figura 2). Nestes últimos casos, a AQB tomou para si a organização dos eventos, tendo a SBQ apoiado os mesmos.

O CBQ realizado de 17 a 22 de julho de 1950 em Belo Horizonte foi o maior de todos os eventos até então, não só pelo número de participantes (126), mas também pelo número de trabalhos apresentados (96), pela presença de organismos do governo, iniciativa privada e do estrangeiro representados (55), e pela estrutura organizacional do mesmo: por exemplo, haviam cinco sessões coordenadas (Ensino de Química, Química Analítica, Química Orgânica e Bioquímica, Química Tecnológica e Físico-Química e Bioquímica) e uma palestra de abertura. De longe, foi o que teve a maior cobertura da imprensa, sem precedentes em termos de eventos científicos no Brasil, excetuando-se o III Congresso Sul-Americano de Química.

A fusão AQB - SBQ

Em seguida ao incêndio que destruiu totalmente a sede da SBQ, em 1943,¹ que levou à redução de suas atividades nos anos seguintes, houve uma aproximação das duas organizações científicas no sentido de que elas se agrupassem numa única instituição.¹ Em ata da reunião da SBQ em setembro daquele ano, já se fazia menção a um desejo de fusão por parte de alguns associados.¹

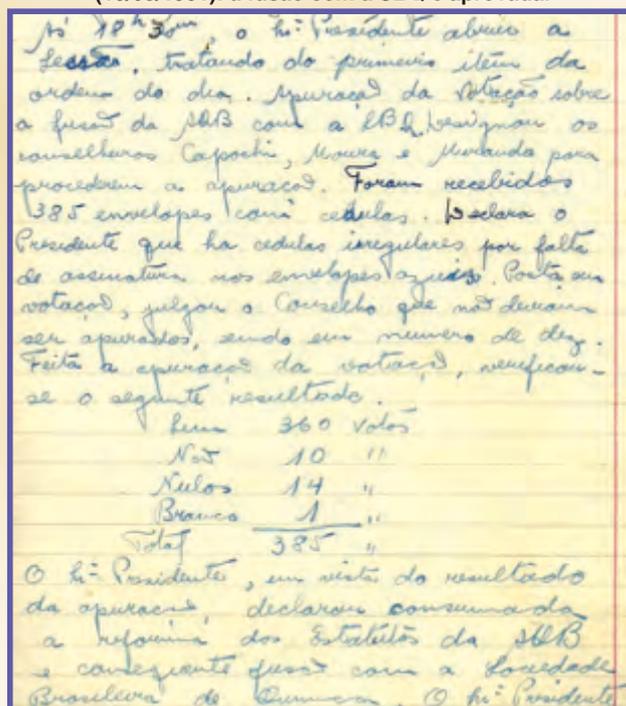
Aparentemente, a 1ª citação a este assunto nos documentos da AQB data de julho de 1944, onde se faz menção à necessidade de consultas jurídicas para avaliar a possibilidade dessa fusão.

Aparentemente, ainda em 1944, a AQB considerava difícil a fusão por conta das modificações estatutárias “que seria difíceis e complexas para tal”.⁹

Depois de 6 anos, o projeto de fusão foi retomado em julho de 1950 a partir de um memorial encaminhado e assinado por diversos sócios ao conselho diretor da AQB, durante a realização do CBQ em Belo Horizonte; tal iniciativa era grandemente encabeçada por membros que eram sócios das duas entidades; era considerado um absurdo existir duas entidades de uma mesma área com objetivos tão próximos. Em 7 de agosto de 1950, o Conselho Diretor da AQB nomeou uma comissão de 4 membros para dialogar com a Diretoria da SBQ sobre a proposta de fusão. Imediatamente, esta diretoria também indicou 4 nomes para esse diálogo. Dessas conversações foi elaborado um anteprojeto, sendo submetido à apreciação dos dois conselhos diretores. Para equacionar o problema dos sócios da SBQ que não eram químicos, estipulou-se que, além de químicos diplomados, poderiam participar pessoas que “apresentassem provas satisfatórias de que possuam elevado preparo científico ou técnico que o habilite a pertencer à associação”.

Figura 3

Ata da 28ª Reunião do Conselho Diretor da AQB (10/08/1951): a fusão com a SBQ é aprovada.



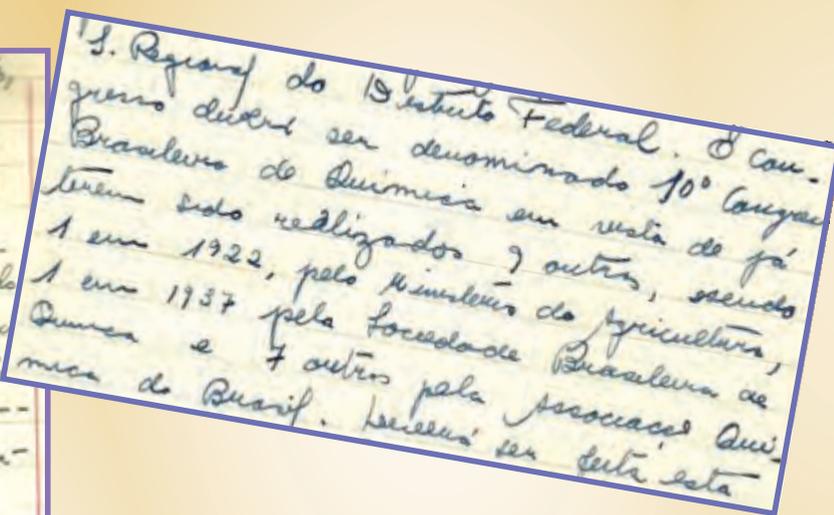
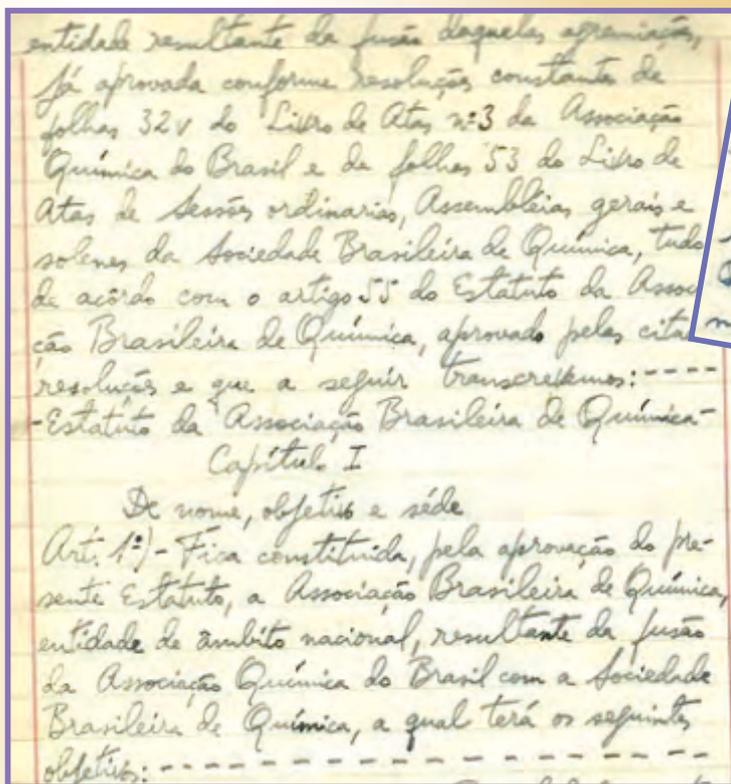


Figura 5 - Trecho da ata da 4ª reunião ordinária da ABQ (26/11/1951), destacando a enumeração dos CBQs

Figura 4: Trechos da ata de 12/10/1951 - constituição da ABQ

Em 6 de março de 1951, a assembléia da primeira SBQ, em reunião extraordinária, aprovou o anteprojeto; a AQB o aprovou em sessão de 10 agosto do mesmo ano (Figura 3). Em sessão solene ocorrida em 12 de outubro de 1951, os sócios da AQB e da SBQ elegeram a diretoria provisória da nova entidade, que foi denominada Associação Brasileira de Química (ABQ) (Figura 4).

Considerações Finais

Após a consumação da fusão, a ABQ tratou inicialmente de sua legalização, tendo feito o seu registro jurídico com base na data de 10 de agosto de 1951, quando a AQB aprovou a fusão. Ao longo dos dois anos seguintes, com base nas inúmeras reuniões do conselho e da presidência da ABQ, assinala-se que outras providências foram tomadas. Buscou-se reconhecer a ABQ como sendo de utilidade pública, dados os relevantes serviços prestados pelas suas predecessoras (a SBQ já era reconhecida como tal por meio do decreto 24.739, de 14/07/1934), fato concretizado em 8 de julho de 1953 através do decreto 33.254, mantendo-se assim até hoje. Sob o argumento do mesmo espírito de união que viabilizou a instituição jurídica da ABQ, decidiu-

se convalidar as realizações da AQB e da SBQ como sendo realizadas pela ABQ através de suas raízes mais novas e mais antigas, respectivamente. Isso fica muito bem espelhado através da enumeração dos CBQs (Figura 5).

O primeiro CBQ após a fusão ocorreu em 1952, no Rio de Janeiro. Assim, constata-se que tanto a ABQ como o CBQ estão completando 90 anos em 2012.

Referências Bibliográficas

- ▶ . FILGUEIRAS, C. A. L.; *Quim. Nova* **1996**, 19, 445-450.
- ▶ 2. SANTOS, A. A.; **Terra Encantada: A Ciência na Exposição do Centenário da Independência**, Dissertação. PPGHCTE/UFRJ, 2010.
- ▶ 3. CHEIBUB, A. M. S. S.; AFONSO, J. C.; SANTOS, N. P.; *Rev. Quim. Ind.* **2012**, 735, 13-18.
- ▶ 4. SILVA, A. P. SANTOS, N. P.; AFONSO, J. C.; *Quim. Nova* **2006**, 29, 881-888.
- ▶ 5. TAVARES, D. G.; *Rev. Soc. Bras. Quim.* **1942**, 11, 47-49.
- ▶ 6. **Editorial do Boletim da Associação Química do Brasil 1942**, 1, 1-2.
- ▶ 7. **Índice Biográfico de Sócios da AQB**, 2ª ed. Rio de Janeiro: AQB, 1943.
- ▶ 8. **Editorial da Revista da Sociedade Brasileira de Química, 1951**, 20, 67.
- ▶ 9. **Boletim da Ass. Química do Brasil 1946**, 5, 11.v.